

# O RIGOR NO USO DAS NOÇÕES E CONCEITOS NA GEOGRAFIA URBANA

**PEDRO DE ALMEIDA VASCONCELOS**

Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social

Universidade Católica do Salvador

Mestrado em Geografia

Universidade Federal da Bahia

Pesquisador CNPq

pavascon@uol.com.br

## **RESUMO**

O texto tem como objetivo discutir o uso das noções e conceitos na Geografia Urbana, visando a contribuir para uma utilização mais rigorosa e precisa dos mesmos, em um momento em que a produção dos geógrafos ganha uma difusão que extrapola as fronteiras disciplinares. Os seguintes tópicos foram selecionados: (1) mudanças de lugares e contextos; (2) mudanças de cultura; (3) mudanças de idioma; (4) problemas de edição; (5) mudanças de disciplinas; (6) mudanças de correntes filosóficas ou teóricas; (7) mudanças na hierarquia; (8) mudanças ao longo do tempo; (9) produção de novas noções e conceitos e (10) riscos de polissemia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Noções. Conceitos. Geografia Urbana.

## RIGOR IN THE USE OF NOTIONS AND CONCEPTS IN URBAN GEOGRAPHY

### **ABSTRACT**

The text aims to discuss the use of notions and concepts in urban geography in order to contribute to a more rigorous and precise use of these, at a moment when geographers' production is spreading beyond the disciplinary boundaries. The following topics were selected: (1) changing places and contexts; (2) changes in culture; (3) changes in language; (4) editing problems; (5) changes

of disciplines; (6) philosophical or theoretical changes; (7) changes in the hierarchy; (8) changes along time; (9) production of new notions and concepts; and (10) risks of polysemy.

**KEY WORDS:** Notions. Concepts. Urban geography.

## INTRODUÇÃO

A Geografia é vista por autores de outros campos disciplinares, como uma disciplina com problemas epistemológicos, sobretudo quando vista como uma “disciplina de síntese”, situada na interface entre as ciências naturais e ciências sociais. Segundo um dos seus críticos, os empréstimos de outras ciências humanas seriam assumidos e reconhecidos pelos próprios geógrafos (DORTIER, 2008, p. 776). Essas questões gerais da disciplina repercutem, naturalmente, na Geografia Urbana.

Diante das críticas externas<sup>1</sup>, o objetivo deste texto é de discutir o uso das noções e conceitos na disciplina, sobretudo na Geografia Urbana, visando a contribuir para uma utilização mais rigorosa e precisa dos mesmos, em um momento em que vários textos da produção dos geógrafos ganham uma difusão que extrapola as fronteiras disciplinares.

Especificamente nos estudos da Geografia Urbana, diferenças reais na estruturação do espaço existem entre as cidades brasileiras, europeias e norte-americanas, independentemente de estarem inseridas no mesmo Modo de Produção Capitalista. As periferias das cidades brasileiras e europeias são, em geral, estigmatizadas, enquanto que os subúrbios localizados nas periferias das cidades norte-americanas são valorizados. Por outro lado, as diferenças de regimes políticos e de controle do solo também resultaram em estruturas diferenciadas. Por exemplo, em Moscou, a densidade populacional cresce do centro para a periferia, ao contrário das demais capitais européias (VENDINA e KOLOSSOV, 1997). Finalmente, diferenças culturais também se refletem no espaço: um dos melhores exemplos é o das cidades muçulmanas. Essas diferenças deveriam ser refletidas na utilização das noções e conceitos na subdisciplina.

<sup>1</sup> Bourdieu (1984, p. 182) a partir de análise fatorial chegou à conclusão que, no caso francês, “A geografia se situa no último lugar da hierarquia universitária”.

## NOÇÕES E CONCEITOS

Devido à anterioridade dos estudos realizados na Europa, algumas noções foram importadas pelos geógrafos brasileiros. Assim, por exemplo, as noções de “Próximo Oriente”, de “Oriente Médio” e de “Extremo Oriente” não têm sentido na nossa realidade, mas já foram absorvidas, sem maior preocupação sobre o assunto.

Uma discussão sobre noções e conceitos já foi realizada em outro texto<sup>2</sup>. Podemos comparar algumas definições dadas pelos geógrafos aos conceitos, como a de Snyder et al. (1971, p. 105), para quem seria a “caracterização de uma parcela da realidade em termos de atributos ou propriedades”; para Antoine Bailly (1993, p. 393), o conceito consistiria “em uma ou várias idéias, abstratas, mentalmente construídas, em um contexto ideológico. O conceito constitui uma definição operacional que permite a projeção do pensamento”; para Di Meo (1998, p. 233), eles “se referem à capacidade de compreender e de explicar as coisas” ou ainda segundo Milton Santos, seria “a atualização, historização presente da categoria” (ASSIS e SPÓSITO, 2002, p. 32), observando que para Pedro Demo (1981, p. 56), a categoria de análise seria um “instrumento conceitual básico de uma teoria qualquer”. Bailly (1993) também define noção como “um conhecimento elementar admitido comumente”, lembrando que para Kant, a noção é um conceito *a priori*.

Na Geografia, os conceitos de uso mais corrente são os de espaço, território, lugar, paisagem, região, assim como os de área, meio e rede. Há algumas divergências entre os autores: Augustin Berque (1993, p. 369)<sup>3</sup> destacou quatro conceitos como os mais representativos da Geografia: espaço, meio, paisagem e meio ambiente; Lobato Corrêa (1995, p. 16) priorizou os de paisagem, região, espaço lugar e território como conceitos-chave da disciplina; os geógrafos franceses Bailly e Ferras (1997, p. 114-122) optaram por espaço, meio e meio ambiente, paisagem, região e território, como conceitos fundamentais da Geografia. Rogério Haesbaert (2002, p. 142) destacou como conceitos básicos da Geografia os de território, rede, lugar, paisagem, região e meio ambiente, certamente considerando o espaço como uma categoria mais ampla. Já Eliseu Spósito, em 2004, privilegiou a análise de apenas três conceitos: o espaço (e o

<sup>2</sup> Ver Vasconcelos, 2001.

<sup>3</sup> Este autor propôs o conceito de “*médiance*” em 1990.

tempo), a região e o território. Milton Santos (1996), por outro lado, fez um corte diferente: para ele as categorias analíticas internas do espaço seriam a paisagem, a configuração territorial (entre outras), enquanto que os recortes espaciais seriam a região, o lugar, as redes e as escalas (e a tecnosfera e a psicosfera)<sup>4</sup>.

Na Geografia Urbana, alguns desses conceitos são direcionados para o exame específico das cidades e das sociedades urbanas, como os de espaço urbano, território (distrital), lugar, paisagem urbana, região (administrativa), área (urbana), meio urbano e rede urbana, entre outros.

Os geógrafos anglo-saxões trabalham com outros recortes conceituais. Por exemplo, em *Key Concepts in Urban Geography*, os conceitos estão separados em cinco blocos 1. Localização e Movimento: centralidade, mobilidade, cidades globais e urbanismo transnacional; 2. Construções: natureza, materialidade, infraestrutura e arquitetura; 3. Visualização e Experiência: diagrama, fotografia, corpo, virtualidade e vigilância; 4. Organização Social e Política: segregação, políticas urbanas e comunidade; 5. Sites e Práticas: consumo, mídia, espaço público e comemoração (LATHAN et al., 2009).

Mas, saindo desse nível geral, podem ser levantados problemas e questões críticas no uso das noções e conceitos na Geografia Urbana brasileira, conforme os tópicos propostos a seguir<sup>5</sup>:

### 1. Mudanças de lugares e contextos

As noções e conceitos foram elaborados em lugares, sociedades e contextos diferentes. O sociólogo francês Lóic Wacquant, em texto de 2005, já advertia para o que ele denominava “difusão transatlântica de conceitos”, dando destaque para a importação de noções norte-americanas e sua utilização na realidade europeia, como no caso de “*guetto*”, cuja aplicação nas periferias (*banlieues*) francesas não teria sentido (2005, p. 136). É importante destacar, que colegas brasileiros, como Rogério Haesbaert (2004, p. 73) também advertiram sobre o cuidado necessário com os “transplantes” de conceitos para contextos distintos.

No caso brasileiro, podemos destacar a mudança de sentido, no exemplo já mencionado da noção de “subúrbio”, que no Brasil adquire, junto com o de “periferia”, características estigmatizantes, enquanto locais de residência preca-

<sup>4</sup> Ver também Castro, Gomes e Correa (1995).

<sup>5</sup> Alguns exemplos podem ser intercambiáveis.

riamente infraestruturados e habitados por uma população majoritariamente pobre. Ao contrário, nos Estados Unidos, os subúrbios (*suburbs*) se referem a bairros com população de renda mais elevada e de maioria branca.

A noção de segregação também já foi discutida em artigo específico, contestando inclusive a sua utilização de segregação socioespacial no caso brasileiro. De fato, nem no período colonial populações foram segregadas nas cidades brasileiras, ao contrário de Portugal onde foram implantadas Judiarias e Mourarias<sup>6</sup>.

## 2. Mudanças de cultura

As diferenças culturais também devem ser levadas em conta. O sociólogo francês Didier Fassin (1996) fez a relação entre a utilização de conceitos adaptados às situações socioculturais de cada região de origem, quando estudou a questão da pobreza. Ele dá como exemplo, a utilização de três noções e suas figuras correspondentes no espaço social: (1) a de “marginalidade” (e centro-periferia) na América Latina, ou seja, os pobres ficando “à margem” da cidade e da sociedade; (2) a de exclusão (e dentro-fora) na França, correspondendo à expulsão dos pobres das áreas centrais das cidades como no caso de Paris; e (3) a de *underclass* (relações hierárquicas alto-baixo) nos Estados Unidos, correspondendo aos “debaixo”, sobretudo os negros em bairros segregados.

Outra noção absorvida sem maior reflexão é a questão das minorias. No contexto norte-americano, a noção de “maioria” se refere ao grupo dominante (homens, brancos, adultos, de classe média ou afluyente, heterossexuais e não contestadores) e não corresponde à maioria populacional, conforme comenta Béatrice Collignon (2001, p. 24).

Outra oposição importante também levantada é a do tema multiculturalismo norte-americano, que corresponde a um projeto político, que é o oposto à integração, e que difere da tradição universalista francesa, conforme a mesma autora no livro editado em 2001.

Outro exemplo interessante é o quadro apresentado por Bourdieu, no seu livro *La Distinction* (1979), que mostra o elevado capital cultural dos professores universitários na França e a elevada situação social dos professores no ensino

<sup>6</sup> Ver Vasconcelos (2004). Acrescento apenas um exemplo: os jovens favelados brasileiros frequentam as escolas públicas na zona sul do Rio de Janeiro, enquanto que os jovens negros segregados nas cidades americanas eram obrigados a estudar em suas precárias escolas segregadas.

secundário francês. Essa situação pode ser contraposta com a pouca relevância social dos colegas brasileiros, podendo ser adicionada às atitudes de desprezo, por parte de estudantes ricos, nas escolas privadas brasileiras, diante de professores de Geografia de origem social modesta.

### 3. Mudanças de idioma

Em outros eventos já foram comentadas as mudanças de sentido de palavras de origem inglesa, mesmo aquelas de origem latina com suas traduções pela palavra mais próxima. Em boa parte, a responsabilidade é dos jornalistas, mas também são assimiladas pelos acadêmicos, sem uma maior reflexão, como no caso da noção de “sustentabilidade”, que os franceses traduziram por durabilidade, o que parece mais próximo da idéia original<sup>7</sup>.

O mesmo acontece com a noção de “setor informal”, noção difundida pelos organismos internacionais, e que foi traduzida pelos franceses por “setor não estruturado”. A alternativa de circuito superior/circuito inferior proposta por Milton Santos não teve a mesma repercussão. Por outro lado, os colegas franceses tiveram dificuldade de compreender o título da conferência do mesmo autor, baseada no seu livro “Metrópole Corporativa Fragmentada”, de 1990, tendo em vista o sentido inglês da palavra “*corporation*”, que está ligado aos negócios, enquanto que a equivalente francesa faz referências às corporações medievais.

Outras noções acadêmicas também são assimiladas sem maior discussão: por exemplo, as diferenças apontadas pela geógrafa francesa Cynthia Ghorra-Gobin entre as noções de “*ville globale*” (que estaria articulada à economia global) e de “*ville mondiale*” (medida pelo grau de atração)<sup>8</sup>, em geral, não são consideradas.

Qual o sentido de se utilizar nas cidades brasileiras a noção de “gentrificação”, tradução automática da palavra inglesa “*gentrification*”, referente à pequena nobreza inglesa (“*gentry*”)? Alternativas existem em português como as noções de enobrecimento, nobilitação etc.

Uma diferença importante estaria no sentido do conceito “*place*”, em inglês, que segundo Staszak (2001, p. 253), corresponderia a várias escalas, en-

<sup>7</sup> Dependendo do local de estudo (e da língua) o brasileiro é especialista em “sensoriamento remoto” (*remote sensing*) ou em “teledeteção” (*télé-détection*), esta última agora em menor uso.

<sup>8</sup> Para a autora, a economia global é um segmento da economia mundial (GHORRA-GOBIN, 2009, p. 8).

quanto o seu equivalente francês, “*lieu*”, só teria relação ao contexto local. Ele sugere que a melhor tradução da palavra inglesa “*place*” seria a francesa “*territoire*”. No Brasil não se observam essas nuances, traduzindo automaticamente para a palavra mais semelhante. Ainda podemos destacar a noção de paisagem (*landschaft*), em alemão, que seria uma noção que corresponderia a território, província e até o clima<sup>9</sup>, podendo ser analisada, tanto na perspectiva vertical, como na horizontal.

A utilização da palavra “conferência”, tradução automática do inglês<sup>10</sup>, quando em português significa uma palestra de maior importância, é aplicada, inclusive por grupos politicamente engajados, como no caso da Conferência das Cidades, que deveria ser traduzida por Congresso das Cidades ou equivalente.

Outras noções são invertidas, inclusive as “politicamente corretas” como a de “*black*” (preto), que é valorizada nos Estados Unidos, enquanto que a palavra “*niger*” é considerada ofensiva. No caso brasileiro a palavra valorizada é justamente “negro”, que além do mais, incorpora, em vários estudos acadêmicos, a soma de pretos e pardos registrados nos censos, independentemente das misturas ocorridas entre os mestiços incluídos nessa última classificação<sup>11</sup>.

#### 4. Problemas de edição

Além dos problemas das traduções das noções e conceitos em diferentes línguas, ocorrem problemas específicos da tradução dos títulos dos livros, no Brasil, mas também em outros países. Por exemplo, o livro *The World Cities*, de Peter Hall, de 1965, foi traduzido em castelhano como *Las grandes ciudades y sus problemas*, o que não é a mesma coisa<sup>12</sup>. Também o clássico “*Explanation in*

<sup>9</sup> Conforme Paquot citando C. Franceschi, in Pumain; Paquot; Kleinschamager (2006, p. 211).

<sup>10</sup> Foram lembrados pelos colegas Lúcia Cony Faria Cidade, a tradução automática do inglês da denominação da corrente “Geografia teórica”, assim como, por Aldo Paviani, da tradução de “*land use*” por “uso do solo”, quando seria mais lógico a de “uso da terra”.

<sup>11</sup> Os exemplos são inúmeros e extrapolam a temática urbana: “entretenimento” no lugar de “diversão”; “empoderamento”, entre outros. Palavras de origem latina como “delete” (ex. “*Delenda Cartago*”, no sentido de destruir a cidade), foram transformadas na sua utilização em inglês para o sentido de apagar, e, a partir de sua tradução automática, um novo verbo está sendo utilizado informalmente, o de “deletar”. Porém o caso mais grave, a meu ver, é o de A.I.D.S., uma sigla que não foi traduzida como em Portugal (S.I.D.A.) e que resultou, no Brasil, até na criação do adjetivo “aidético” (!).

<sup>12</sup> Capítulos de livros também apresentam problemas de tradução. Um exemplo é o da tradução brasileira de títulos de capítulos do livro de Peter Hall (1995): “2. A Cidades do Desvio Variado” [2. “*The City of By-Pass Variegated*”] e “8. A Cidade da Suada Equidade” [8. “*The City of Sweat Equity*”] ...

*Geography*” de David Harvey, de 1969, foi traduzido na Espanha por “*Teorias, leyes y modelos em geografia*”.

Outro clássico, o livro de Patrick Geddes “*Cities in Evolution*”, de 1915, foi traduzido pelos franceses por “*L’évolution des villes*” e em português do Brasil como “*Cidades em Evolução*” (ambos de 1994).

Às vezes a imposição é do editor, visando a, atingir públicos diferentes ou mais amplos. Chombart de Lauwe, em conferência em Paris, informou que o editor retirou a interrogação do título do livro dele “*La fin des villes?*”, de 1982, passando de uma questão para uma afirmação.

Encontramos também em português do Brasil traduções de títulos que diferem completamente dos originais, como no caso do livro de Lefebvre “*La pensée marxiste et la ville*”, de 1972, traduzido corretamente na versão portuguesa do mesmo ano, mas no Brasil teve seu título mudado para “*A cidade do capital*” (!). Também foi retirada a referência ao marxismo na tradução do título do livro de Lojkin, durante o período da ditadura militar, passando de “*Le marxisme, l’Etat et la question urbaine*”, de 1977, para “*O Estado capitalista e a questão urbana*” (!), de 1981. Outro livro que teve o seu título alterado foi o clássico de Jane Jacobs, “*The Death and Life of Great American Cities*” de 1961, traduzido tardiamente para “*Morte e Vida de Grandes Cidades*”, de 2000, retirando a menção às cidades americanas na edição brasileira. Também o título do recente *Planet of slums*, de Mike Davis, datado de 2006, foi traduzido para o abrigado “*Planeta Favela*”<sup>13</sup>.

## 5. Mudanças de disciplinas

Algumas noções foram elaboradas ou reconceituadas por autores de disciplinas diferentes, como no caso das noções de forma (correspondendo ao percebido), função (ligado ao vivido) e estrutura (que se concebe), por Henri Lefebvre (1986, p. 426). Essas noções foram rediscutidas posteriormente, na Geografia, por Milton Santos (1985, p. 50), sendo forma vista como aspecto visível de uma coisa; a função corresponde à tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa<sup>14</sup>; e a estrutura seria a inter-relação de todas as partes de um todo. O autor acrescentou ainda a noção de processo.

<sup>13</sup> Um caso bem risível ocorreu na literatura: o título do livro “*The Physician*”, de Noah Gordon foi traduzido para “*O Físico*”, quando deveria ter sido por “*O Médico*” ou equivalente.

<sup>14</sup> A noção de função é baseada no Dicionário *Webster*.



Por outro lado o geógrafo Edward Soja (2000, p. xiv) aproxima-se mais das noções elaboradas por Lefebvre (as de espaço percebido, concebido e vivido), com a proposta de espaço urbano empiricamente percebido, espaço teoricamente concebido e espaço experencialmente vivido. Pode-se perguntar se as preocupações dos sociólogos seriam idênticas às dos geógrafos.

Outras noções bastante discutidas na Sociologia, tais as de agentes e atores sociais (pelos sociólogos Topalov, Bourdieu e Tourraine, entre outros), aparecem na Geografia com grande destaque nos estudos de mercado fundiário e dos movimentos sociais, enquanto sua utilização na Sociologia é mais ampla (VASCONCELOS, inédito). Milton Santos (1996), por exemplo, utilizava tanto a noção de agentes como a de atores hegemônicos.

Por outro lado, o cuidado com o uso de noções e conceitos originários de outras disciplinas não deve ser um impedimento para a sua utilização. David Harvey, no citado *Explanation in Geography*, de 1969, já denominava de “conceitos derivados” aqueles oriundos de outras disciplinas, em contraponto aos conceitos próprios da Geografia (HARVEY, 1983).

Um exemplo importante é a adaptação dos processos espaciais oriundos da Escola de Chicago (centralização, segregação, etc.), pelo colega Lobato Correa. Outro é a enorme contribuição de Henri Lefebvre (1986) na sua proposta de produção do espaço e das práticas espaciais. Outras contribuições podem ser examinadas e incorporadas, como, por exemplo, as de Pierre Bourdieu (1997, p. 28-33), na sua proposta de divisão entre o capital político (ex. partidos, sindicatos), capital econômico (empresários) e capital cultural (professores), que podem ser úteis, com a devida atenção, pelas mudanças de disciplina e de contexto.

## **6. Mudanças de correntes filosóficas ou teóricas**

O debate é muito antigo na Filosofia: enquanto Platão distinguia “*chôra*” (área, espaço) de “*topos*” (lugar), Aristóteles tentava reduzir o espaço ao lugar, segundo Pumain, Paquot e Kleinschmager (2006, p. 164).

Por outro lado, alguns filósofos fazem um alerta sobre o uso de conceitos, como Deleuze e Guattari (1992, p. 13), que afirmaram que a Filosofia “é a disciplina que consiste em criar conceitos” e que “há outras maneiras de pensar e criar, outros modos de ideação que não têm de passar por conceitos, como o pensamento científico” (1992, p. 17). De fato já no seu livro de 1972, *L'Anti-Oedipe*, esses filósofos trabalharam com conceitos espaciais,

como o de “territorialidade” com o sentido de fixação de residência, quando tratam do papel do Estado (2005, p. 232), assim como o de “desterritorialização” do solo pelo trabalhador ou da riqueza pelo Capital (2005, p. 267). Também comentaram a desterritorialização dos fluxos de financiamento e a “re-territorialização” realizada através dos bancos centrais (2005, p. 307). Por outro lado, eles também deram outros sentidos a esses conceitos como, por exemplo, quando afirmaram que “*nos amours sont des complexes de déterritorialisation et re-territorialisation*” (2005, p. 377)<sup>15</sup>, situação que também ocorreria nos sonhos e nos pesadelos, ou seja, em uma perspectiva bem mais próxima da Psiquiatria que da Geografia.

Na sua obra seguinte, *Mille Plateaux*, de 1980, Deleuze e Guattari (2004, p. 634) retomam o conceito de “desterritorialização” definindo-o como “*le mouvement pour lequel 'on' quitte le territoire*”<sup>16</sup>, tratando também de outras noções espaciais como “reterritorialização”, “espacialização” (2004, p. 602), “espaço liso” (vetorial e nômade) e “espaço estriado” (métrico e sedentário) (2004, p. 447 e 592). Mais uma vez, entretanto, a utilização desses conceitos afasta-se bastante da Geografia, como nos exemplos seguintes: “*dans um livre comme toute chose, il y a ... des territorialités*” (2004, p. 9)<sup>17</sup> ou “*le livre assume la déterritorialisation du monde ...*” (2004, p. 18)<sup>18</sup> ou ainda “*la berceuse qui territorialise le sommeil et l'enfant ...*” (2004, p. 402)<sup>19</sup>. Esses distanciamentos nos levam a refletir sobre os cuidados a tomar sobre o caráter mais abrangente dos conceitos da Filosofia<sup>20</sup>.

Outra questão delicada, os conceitos e noções originários de correntes diferentes e às vezes opostas, são utilizadas conjuntamente, como por exemplo, a de estrutura (estruturalismo) aparece junto com as de sujeito (fenomenologia). O sociólogo Pedro Demo nos adverte que as categorias de análise devem estar vinculadas a uma teoria, como por exemplo, para a dialética, uma categoria básica seria a do conflito social, já para o sistemismo a categoria seria o sistema (DEMO, 1981, p. 56).

<sup>15</sup> “Nossos amores são complexos de desterritorialização e re-territorialização”.

<sup>16</sup> “O movimento pelo qual 'se' deixa o território”.

<sup>17</sup> “Em um livro como em toda coisa, há ... territorialidades”.

<sup>18</sup> “O livro assume a desterritorialização do mundo”.

<sup>19</sup> “O canto de ninar que territorializa o sono e a criança”.

<sup>20</sup> Di Meo (1998) e, sobretudo Haesbaert (2004) trouxeram a discussão desses filósofos para a Geografia.

O geógrafo Entrikin (1998, p. 134), por sua vez, lembra que vivemos nos lugares, mas o lugar é também visto como exterior as nossas ações<sup>21</sup> e que há uma divisão entre as concepções existencialistas e naturalistas do lugar. Cresswell (2006, p. 50) afirma que para os geógrafos regionais os lugares (*places*) são áreas distintas da terra; para os humanistas o lugar é um modo de ser fundamental no mundo; para os radicais, os lugares seriam construídos como reflexos do poder e na teoria da estruturação como parte do processo de reprodução da sociedade.

## 7. Mudanças na hierarquia

Algumas noções e conceitos na Geografia (e na Geografia Urbana) seriam mais importantes ou teriam mais abrangência do que outros, segundo alguns autores. Armando Corrêa da Silva, por exemplo, chegou a propor a hierarquização das noções e conceitos geográficos: o espaço (como dimensão universal) conteria o lugar (como dimensão particular) e o lugar conteria a área, a região e o território (como dimensões singulares) (SILVA, 1986). Ruy Moreira (2007, p. 117) propôs que região, lugar e rede seriam recortes concretos do espaço, e seriam sub-categorias do território, enquanto que as sub-categorias do espaço seriam a localização, a distribuição, a distância, a extensão, a posição e a escala.

O geógrafo francês Jacques Levy (2003, p. 332) propôs os lugares, os territórios, as redes e as áreas como “espécies de espaço”, o que foi seguido pela colega Stéphanie Lima (2009, p. 171), não tendo incluindo, porém, as áreas. O já citado Cresswell (2006, p. 8) precisa que o espaço, sendo mais abstrato, conteria áreas e volumes e que os lugares teriam espaços entre eles.

A enorme produção conceitual de Milton Santos<sup>22</sup> permite uma tentativa de reconstruir uma hierarquia entre conceitos, a partir de momentos diferentes. Em primeiro lugar o espaço seria equivalente à organização espacial, à estrutura territorial, à organização do espaço e à estrutura territorial (1988, p. 25). Em seguida, o autor nivelou o conceito de espaço geográfico com o de território usado (SANTOS, 1994). Por outro lado, o espaço seria composto pela configuração territorial e pela dinâmica social (SANTOS, 1988, p. 111). A configuração territorial, por sua vez, seria formada pelo território e o con-

<sup>21</sup> ENTRIKIN, 1998, p. 7, quando cita Yu-Fu Tuan, e o seu clássico *Space and Place*, de 1977.

<sup>22</sup> Alice Ferreira (2007) analisou um léxico de 106 termos produzidos por Milton Santos na sua tese de doutorado.

junto de objetos existentes sobre ele (1988, p. 75). A paisagem seria uma porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão (SANTOS, 1996, p. 85). Já o território seria composto por lugares contíguos e lugares em rede (SANTOS, 1994, p. 16). Finalmente, os lugares tanto podem ser vistos como uma porção discreta do espaço total (SANTOS, 1978, p. 121) ou como uma combinação específica de temporalidades diversas (SANTOS, 1996, p. 109).

O geógrafo Peter Hall discutiu a noção de cidade mundial muito cedo (1965), mas o impacto maior foi o de cidade global proposto pela socióloga Saskia Sassen (1991). Podemos levantar a questão: não seria melhor a utilização de “metrópole global” no lugar de “cidade global”?<sup>23</sup>.

## 8. Mudanças ao longo do tempo

Na Geografia, como nas demais ciências sociais, ocorre a mudança de sentido, assim como da hegemonia de uma noção ou conceito ao longo do tempo, havendo também a substituição ou o abandono de determinadas noções e conceitos, ou sua recuperação: como exemplo temos o uso da noção de paisagem e região na denominada Geografia Clássica, sendo substituída pela noção de espaço na Geografia Teórico-Quantitativa<sup>24</sup>, e mais recentemente o destaque passou para as noções de lugar e de território<sup>25</sup>, tanto nas correntes fenomenológicas como na chamada Geografia Crítica.

Temos também os desdobramentos de conceitos como o de território (visto como forma), em territorialidade (visto como função) e territorialização (visto como processo), assim como os de desterritorialização, reterritorialização e interterritorialidade (LIMA, 2009, p. 199, 168 e 170).

Algumas noções são trocadas, como as de região pela de território, como no caso do uso atual de território de identidades, originário de estudos e políticas agrárias. Outras mudam de conteúdo, como o de lugar, passando de objetivo para subjetivo. Ocorrem mudanças de noções próximas pelo próprio

<sup>23</sup> Também contestado por McNeil in Latham et al. (2009, p. 43).

<sup>24</sup> Em 1971 foram levantados 232 “termos básicos” da Geografia Urbana em inglês, português, espanhol e francês, por grupo de trabalho do I.P.G.H. (SNYDER et al., 1971).

<sup>25</sup> A importância da noção do território pode ser mensurada pelo aumento dos textos sobre o conceito tanto na literatura internacional como na Geografia brasileira: Souza (1995), Haesbaert (2002 e 2004) e Saquet (2007).

autor, como no caso de Milton Santos, por exemplo, de fixos e fluxos para horizontalidades e verticalidades.

Ainda podemos comentar o uso político de noções como “comunidade”, “ocupação”, “afro-descendente”, “território de identidade” etc., algumas verdadeiras palavras de ordem.

### 9. Produção de novas noções e conceitos

Mais comum talvez, seja a questão do modismo, a eterna preocupação de estar *up-to-date*, já detectada pelos professores franceses, como Levy Strauss (2009), nos seus cursos, na Universidade de São Paulo nos anos 1930, ou da real necessidade de novas noções e conceitos diante das mudanças dos processos, dos objetos ou da sociedade. Como exemplos podemos citar a noção de “*placelessness*” criada pelo geógrafo Edward Relph (1976); a de “*edge-cities*”, elaborada pelo jornalista Joel Garreau em 1991; a de “*non-lieu*”, proposta em 1992 pelo antropólogo Marc Augé (1994); a de “*metapolis*”, pelo urbanista François Ascher em 1995; a de *CyberCities*, por Christine Boyer em 1996; a “*cittta postmoderna*”, do sociólogo Giandomenico Amendola em 1997 (2000) e a do intraduzível “*Zwischenstadt*”, que corresponderia aproximadamente a “entre-cidades”, do urbanista alemão Thomas Sieverts, de 2001 (2004). Alguns autores, como o geógrafo Edward Soja (2000), procuraram criar novas noções, através de jogos de palavras, embora às vezes só tenham sentido na língua original, como *cityspace*, *exopolis*, *postmetropolis*. Os autores também entram na “moda”, não necessariamente originários da Geografia. Um dos mais citados recentemente seria o sociólogo Zygmunt Bauman.

### 10. Riscos de polissemia

Problemas de polissemia existem a partir das palavras usadas na língua “ordinária”, refletindo o senso comum. Paul Claval (2001, p. 233) citava, por exemplo, as noções de país, de paisagem, de região, de nação, de cidade e de campo <sup>26</sup>.

Já são bastante conhecidas as sete acepções da noção de território levantadas por Jacques Levy (2003, p. 907-908) no verbete do dicionário que ele editou com Lussault: (1) território como sinônimo de “espaço”; (2) como sinô-

<sup>26</sup> Até palavras originárias do mercado imobiliário como “bairros nobres” são utilizadas na Academia.

nimo de “lugar”; (3) como espaço socializado; (4) como espaço controlado e limitado; (5), como metáfora de animalidade; (6) como espaço “apropriado e de identidade”; e (7) como correspondente a uma periodização histórica.

O mesmo acontece com a noção de lugar que teria de 46 a 58 sinônimos em francês, a partir de levantamento efetuado pelo geógrafo italiano Angelo Turco (2009, p. 37). Além disso, lugar é uma noção multiescalar como a noção de região. Podemos nos perguntar qual a precisão de uma noção com tantas utilizações possíveis?

## CONCLUSÕES

Este texto, elaborado para um debate nem de longe esgota o assunto. É uma tentativa de trazer uma contribuição crítica às questões conceituais, tendo em vista a enorme ampliação da produção na nossa disciplina e no campo da Geografia Urbana, resultante, em boa parte, da expansão dos nossos cursos de pós-graduação. O aumento quantitativo da produção acadêmica deve ser acompanhado pelo rigor na utilização de noções e conceitos, que devem ser úteis para o entendimento e compreensão das questões estudadas e não apenas utilizados como ornamentos ou modismos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMENDOLA, Giandomenico. *La Ciudad Postmoderna*, Madrid: Celeste, 2000 [1997].
- ASCHER, François. *Métapolis, ou l'avenir des villes*. Paris: Odile Jacob, 1995.
- ASSIS, Jesus de Paula; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). *Testamento Intelectual / Milton Santos*. São Paulo: Edunesp, 2002.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994 [1992].
- BAILLY, Antoine (ed.) *Les concepts de la géographie humaine*. Paris: Masson, 1991.
- \_\_\_\_\_. “Les représentations en géographie”. In: BAILLY, Antoine; FERRAS, Robert.; PUMAIN, Denise (dir.) *Encyclopédie de Géographie*. Genève: Economica, 1993, p. 389-401.
- BAILLY, Antoine; FERRAS, Robert. *Éléments d'épistémologie de la géographie*. Paris: A. Colin, 1997.
- BERQUE, Augustin. “Espace, milieu, paysage, environnement”. In: BAILLY, Antoine; FERRAS, Robert; PUMAIN, Denise (dir.) *Encyclopédie de Géographie*. Genève: Economica, 1993, p. 369-387.
- BOURDIEU, Pierre. *La distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Minuit, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Homo Academicus*. Paris: Minuit, 1984.

- \_\_\_\_\_. *Razões Práticas*. Campinas: Papirus, 1997 [1994].
- BOYER, Christine. *CyberCities*. New York: Princeton Architectural Press, 1996.
- CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORREA, Roberto Lobato (org.) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- CLAVAL, Paul. *Épistemologie de la géographie*. Paris: Nathan, 2001.
- COLLIGNON, Béatrice. “La géographie et les minorités. Déconstruire et dénoncer les discours dominants”. In: STASZAK, Jean-François et al. *Géographies anglo-saxonnes*. Tendances contemporaines. Paris: Belin, 2001, p. 23-28.
- CORREA, Roberto Lobato. “Espaço: um conceito-chave da Geografia”. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORREA, Roberto Lobato (org.) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 15-47.
- CRESSWELL, Tim. *Place: A Short Introduction*. Malden: Blackwell, 2006.
- DELANEY, David. *Territory: A Short Introduction*. Malden: Blackwell, 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *L'Anti-Oedipe*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2005 [1972].
- \_\_\_\_\_. *Mille Plateaux*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2004 [1980].
- \_\_\_\_\_. *O que é Filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992 [1991].
- DEMO, Pedro. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 1981.
- DI MEO, Guy (dir.) *Les territoires du quotidien*. Paris: L'Harmattan, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Géographie sociale et territoires*. Paris: Nathan, 1998.
- DORTIER, Jean François (dir.) *Le dictionnaire des sciences humaines*. Auxerre: Ed. Sciences Humaines, 2008.
- ENTRIKIN, J. Nicholas. *The Betweenness of Place*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998.
- FASSIN, Didier. “Marginalidad et marginados. La construction de la pauvreté urbaine en Amérique latine”. In : PAUGAN, Serge (dir.) *L'exclusion: l'état des savoirs*. Paris: La Découverte, 1996, p. 263-271.
- FERREIRA, Alice. “Un penseur, par ses mots. Le lexique de Milton Santos”, in LÉVI, Jacques. *Milton Santos / philosophe du mondial, citoyen du local*. Lausanne: Presses Polytechniques et Universitaires Romandes, 2007, p. 27-46.
- GARREAU, Joel. *Edge City: Life on the New Frontier*. New York: Anchor Books, 1991.
- GHORRA-GOBIN, Cynthia. “À l'heure de la ‘deuxième’ mondialisation, une ville mondiale est-elle forcément une ville globale”, *Confins*, Numero 5, 20/03/2009. Disponível em: <<http://confins.revues.org/documents5726.html>> Acesso em: 20 mar. 2009.
- HAESBAERT, Rogério. *Territórios Alternativos*. São Paulo: Contexto, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O Mito da Desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HALL, Peter. *Las grandes ciudades y sus problemas*. Madrid: Guadarrama, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Cidades do Amanhã*. São Paulo: Perspectiva, 1995 [1988].
- HARVEY, David. *Teorias, leyes y modelos em geografia*. Madrid: Alianza Universidad, 1983 [1969].

- LATHAM, Alan; McCORMACK, Derek; McNAMARA, Kim; McNEIL, Donald. *Key Concepts in Urban Geography*. London : SAGE Publications, 2009.
- LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1986 [1974].
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Tristes tropiques*. Paris, Plon, 2009 [1955].
- LEVY, Jacques; LUSSAULT, Michel. *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris : Belin, 2003.
- LIMA, Stéphanie. "Le dépassement des territoires : bâtisseurs et passeurs d'espaces". In : VANIER, Martin (dir.) *Territoires, territorialité, territorialisation*. Controverses et perspectives. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2009, p. 167-173.
- MOREIRA, Ruy. *Pensar o ser em geografia*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PUMAIN, Denise; PAQUOT, Thierry; KLEINSCHMAGER, Richard. *Dictionnaire: la ville et l'urbain*. Paris: Economica; Anthropos, 2006.
- RELPH, Edward. *Place and Placelessness*. London, Pion, 1976.
- SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Espaço & Método*. São Paulo: Hucitec, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Técnica, Espaço, Tempo*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SAQUET, Marcos Aurélio. *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- SASSEN, Saskia. *The Global City*. Princeton: Princeton University Press, 1991
- SIEVERTS, Thomas. *Entre-ville une lecture de la Zwischenstadt*. Marseille: Parenthèses, 2004 [2001].
- SILVA, Armando Correa da. *De quem é o pedaço? Espaço e Cultura*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- SNYDER et al. *Vocabulary of Urban Geography; Vocabulário de Geografia Urbana; Vocabulário de Geografia Urbana; Vocabulaire de Géographie Urbaine*. Rio de Janeiro: I.P.G.H. / C. G., 1971.
- SOJA, Edward W. *Postmetropolis: Critical Studies of Cities and Regions*. Malden: Blackwell, 2000.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. "Território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento". In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORREA, Roberto Lobato (org.) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 77-116.
- SPOSITO, Eliseu S. *Geografia e Filosofia*. São Paulo: Edunesp, 2004.
- STASZAK, Jean-François et al. *Géographies anglo-saxonnes*. Tendances contemporaines. Paris: Belin, 2001.
- TURCO, Angelo. «Topogenèse: la généalogie du lieu et la constitution du territoire». In: VANIER, Martin (dir.) *Territoires, territorialité, territorialisation*. Controverses et perspectives. Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2009, p. 37-44.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. "Categorias e conceitos para compreensão da cidade brasileira no período escravista". In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.) *Urbanização e Cidades: perspectivas geográficas*. Presidente Prudente: Unesp, 2001, p. 13-34.



\_\_\_\_\_. “A aplicação do conceito de segregação residencial ao contexto brasileiro na longa duração”, *Cidades*, Presidente Prudente, v. 1, n. 2, 2004, p. 259-274.

\_\_\_\_\_. “A utilização dos agentes sociais no estudo da geografia urbana: avanço ou recuo?” (Inédito).

VENDINA, Olga; KOLOSSOV, Vladimir. “Moscou, retour a la voie mondiale”, in CLAVAL, Paul; SANGUIN, André-Louis (ed.) *Métropolisation et politique*. Paris, L’Harmattan, 1997, p. 137-152.

WACQUANT, Loïc. *Os Condenados da Cidade*. Rio de Janeiro, Revan: Fase, 2005.

Recebido em: 05/08/09

Aceito em: 05/10/09